

EU TE Prometo

Da mesma autora da série "Conexões"

VICTORIA GOMES

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu te prometo

VICTORIA GOMES

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Direitos autorais do texto original

© 2018 Victoria Gomes

Revisão: Victoria Gomes e Natália Dias

Capa e Diagramação: Victoria Gomes

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem a autorização da autora. Ressalva para trechos curtos usados

como citações em divulgações e resenhas, com autoria devidamente identificada. A violação dos direitos autorais é crime estabelecidos pela lei no. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Todos os direitos reservados

PERIGOSAS NACIONAIS

Índice

Capítulo 1
Capítulo 2
Sobre a autora

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Com os olhos perdidos, podia ver a cidade inteira de onde estava, ali, sentado naquela cadeira que custou mais do que o salário da minha secretária. Parando para pensar em retrospectiva, chega a ser ofensivo que o trabalho daquela que me salva todos os dias fosse menos valorizado do que da mobília, que se limita a sustentar o peso do meu corpo.

As janelas de vidro que recobriam toda a extensão da parede externa me conferiam essa visão privilegiada, que quase não tinha tempo de apreciar, sempre perdido em meio a contratos e reuniões sem fim. Suspirei, incerto. Naquele momento, não conseguia entender o que era o sentimento ruim que me assolava a alma e consumia minha paz. Não conseguia entender o que era aquele buraco em meu peito que me perseguia

por anos a fio, incessantemente.

Olhei ao redor e absorvi cada detalhe da sala que tinha sido meu escritório por sete anos. Olhei para a estante na parede bem de frente para mim, preenchida por lombadas grossas de livros envelhecidos pelo tempo, há muito não consultados, desapiedadamente substituídos pela praticidade conferida por computadores. Não passavam de meras decorações pomposas, minuciosamente escolhidas para impressionar os mais vaidosos clientes, dispostos a pagar a fortuna que custava minha hora de trabalho.

Poltronas de couro, mesas de vidro, garrafas de uísque.

Imponência exalava de cada nota, de cada poro, de cada palavra escrita nos arquivos a serem assinados que formavam uma pilha em cima da minha mesa. Servi-me de um generoso gole da

bebida que estava em minha mão, sentindo o líquido queimar minha garganta enquanto adentrava meu corpo. Encarei a folha à minha frente e reli, pelo que pareceu a primeira e a última vez, o conteúdo daquela carta.

Palavras digitadas, que nada mais eram do que a cópia de um texto padrão distribuído a todos em algum momento, finalizado com uma assinatura eletrônica vazia que completava a pura falta de alma daquele aviso. Fora promovido. A noite deveria ser de celebração. Eu deveria estar feliz. Era isso que o papel dizia, afinal. Que era com honra e contentamento que me recebiam como sênior na empresa, antes do tempo requerido, tamanha a minha competência no que faço.

E era verdade, nunca me dei ao trabalho de me fazer de rogado e fingir uma humildade que não me cabe. Estava apenas colhendo frutos do meu

trabalho árduo, de noites em claro, de investimentos infindáveis em minha carreira, de perdas e sacrifícios em nome desse objetivo. Eu mereci isso. Se alguém nessa empresa mereceu essa promoção, fui eu.

Já podia ver o cenário, perfeitamente pintado em minha mente, que iria se desenrolar quando eu entrasse pelas grandes portas duplas na segunda-feira de manhã. Receberia congratulações de pessoas que não me suportavam, piadas dizendo o quão sortudo eu era por ter chegado onde cheguei. *Sorte*. Como se tudo que conquistara até ali tivesse sido fruto do acaso. Dizem que não enxergamos as pessoas para além das aparências e tenho que concordar. Não existia uma pessoa naquele escritório que fosse capaz de entender os sacrifícios que precisei fazer para chegar onde estava. Ninguém que soubesse o quanto eu perdi no

caminho.

E a pergunta que retumbava em minha mente e embaçava meu juízo era: valeu a pena?

Naquele momento, olhei para minha mão esquerda e encarei o dedo onde deveria estar minha aliança. *Marisa*. Seu nome surgiu em minha mente, atingindo-me como um soco, fazendo-me perder o ar. Lágrimas brotaram no fundo dos meus olhos e não me importei em tentar impedi-las. Eu merecia aquelas lágrimas, e sem dúvida merecia o sofrimento que vinha com elas.

Finalmente conseguira o que tanto almejei, o que dediquei dia e noite da minha vida nos últimos cinco anos para alcançar, e não tinha ninguém com quem celebrar. Porque há dois anos eu perdera a única pessoa para quem queria ligar e contar as boas novas.

O que será que você estava fazendo naquela

noite de sexta-feira, eu me perguntei. Estava em casa assistindo algum dos seus estúpidos programas de culinária que rendiam tentativas desastrosas de receitas que sempre acabam com risadas, promessas e pizza? Saíra com as amigas, estava àquela hora em algum bar, bebendo o seu drink favorito que eu nunca vou conseguir entender, aquela mistura de vinho e licor de laranja? Estava em um encontro, jogando por sobre o ombro seu mar de cachos castanhos, constantemente tingidos em um dourado que você tanto gostava, enquanto sorria, enquanto gargalhava com outro homem, que seguraria sua mão e se encantaria pelo brilho dos seus olhos, e a levaria para casa e cuidaria de você como eu nunca fiz?

O que fiz da minha vida, Marisa? O que fiz da nossa vida?

Como pude permitir que a melhor coisa que me

aconteceu escorregasse por entre meus dedos e se afastasse da minha vida, por culpa de ninguém além de mim mesmo? E a troco de quê? Cifras adicionais no meu contracheque, já ofensivamente alto? A troco de reconhecimento de pessoas que não se importam se estou vivo ou morto? Como me permiti trocar a luz da minha vida pela escuridão devoradora da ganância que consome minha alma e me mata dia a dia?

Em um rompante, arremessei o copo contra a parede, ouvi o estilhaçar do vidro contra o mogno duro e há muito sem vida. Eu sei, não deveria ter feito isso. Lamento. Limitei-me a pegar minha pasta e me dirigir ao estacionamento. Quando apertei o botão e ouvi o som do alarme desarmar, não consegui impedir que um sorriso dolorido estampasse minha face. Podia ouvir sua voz invadindo meus sentidos, dizendo-me que se eu me

atrevesse a entrar naquele carro depois de ter bebido e conseguisse o milagre de chegar em casa vivo, você faria as honras de me matar com as próprias mãos. Abaixei a cabeça em derrota, sentindo meu peito estilhaçar em mil pedaços diminutos. Peguei o celular e chamei um táxi.

A brisa gelada que tocava minha pele nada fez para me despertar de minhas lembranças sombrias enquanto esperava o carro chegar. Foi apenas quando o motorista buzinou que notei sua presença e forcei meu corpo a caminhar em sua direção. Acomodei-me no banco pouco confortável e encarei o rosto impaciente do homem que esperava por instruções. Recitei um endereço que há muito não proferia em voz alta. Arrependi-me no momento em que o fiz, mas já era tarde demais para voltar atrás.

Não demorou mais do que vinte minutos para

que eu chegasse à portaria do seu prédio. Permaneci sentado no carro, olhando pela janela mal limpa, erguendo meu olhar até o décimo primeiro andar em busca da janela do apartamento que você comprou no mês seguinte de sua partida. Procurei, mas falhei. O que eu viera fazer aqui, afinal? Bater em sua porta e esperar que você me atendesse? Era provável que o porteiro sequer me deixasse subir, e por que ele deveria? Ainda que o fizesse, mesmo que você abrisse a porta para mim, o que eu diria? Como poderia começar a pedir perdão por tantos erros, após tantos anos? Como poderia explicar que minha vida estava vazia e minha alma chorava por sua ausência desde o segundo em que você me deixou, e que tudo que fiz foi afundar meu desespero em pilhas de contratos e processos jurídicos sem importância na esperança de que meu trabalho suprisse a falta que você me fez, a cada segundo, a cada batida de meu coração?

Que naquela sexta-feira, dentre todos os dias, dentre todas as datas, decidi ir à sua porta e tirar a sua paz, unicamente por minha dor egoísta, unicamente porque percebi, tarde demais, que nenhuma conquista tinha valor se você não estiver ao meu lado?

— Vinte e sete e noventa e cinto — anunciou o taxista, cobrando-me a corrida sem sentido, fatidicamente inútil. Ele me olhou, a impaciência nunca deixando seu rosto. O homem não era muito bom no trabalho que fazia, essa era a verdade. Jamais deveria se dirigir a um cliente com aquela postura. Pensei em pagar, descer do carro e pedir outro para me levar embora, mas não o fiz. Não podia correr o risco de que você me visse e eu me encontrasse forçado a dar explicações que não possuía. Fiquei no carro. Pedi para que ele me levasse ao endereço certo daquela vez. Para casa.

Ou para o imóvel desprovido de alma que insistia em chamar de casa, onde passava as noites contemplando minha solidão.

Perdido em meio a sentimentos confusos e mal resolvidos, repeti esse mesmo percurso todos os dias na semana seguinte, até que tomei coragem de sair do táxi e caminhar em direção à portaria. O velho homem barrigudo, que ostentava uma careca bem lustrada, me recepcionou com um sorriso acolhedor. Perguntou o número do apartamento e o nome do morador. As palavras pinicaram a ponta da minha língua, ansiando para sair e desbravar o mundo, e permiti-lhes essa indulgência.

— Vim deixar uma encomenda — completei, contudo, entregando ao homem um pesado buquê de flores que comprei em uma floricultura no caminho até aqui. Virei-me de costas e retornei ao carro, sorrindo, orgulhoso de mim mesmo por ter

tomado uma atitude, ter dado o primeiro passo, ainda que pequeno, em direção ao caminho para reconquistar o seu coração. Não deixei um cartão, porque sabia que você jamais aceitaria de bom grado, sabia que você me ligaria irritada, ofendida por eu estar forçando minha presença novamente em sua vida, e eu te daria razão.

Passaram-se três dias antes que eu percebesse o erro que cometera. O que eu estava pensando quando te entreguei flores, em um adorno bem preparado por um profissional, feito de rosas caras e pomposas? Você nunca se importou com isso. Sempre me disse que flores eram um presente vazio, a promessa de vida feita por algo que morreria em alguns dias, e que, ainda assim, forçava seu receptor a aguá-las e cuidar delas na vã esperança de que sobreviveriam, só mais um dia, só um pouco mais. Não era um presente, era uma

tortura.

Pensei em passar em uma joalheria, buscar para você o mais bonito dos diamantes, um cordão elegante para abraçar seu pescoço esguio e ter algo meu tocando sua pele macia já que eu não podia fazê-lo. Percebi a tempo que não era uma boa ideia.

Por fim, decidi por te dar chocolates, daqueles recheados com caramelo salgado, seus favoritos. Preparei-me para buscar uma caixa com uma dúzia, duas dúzias de pequenas bolas trufadas que talvez tocassem seu coração no caminho para o seu estômago. Pareceu-me uma boa ideia, mas ainda faltava algo.

Demoraram dias, dias de trabalho malfeito, dias de baixa produtividade no escritório, dias até que meu chefe parasse na porta da minha sala, me olhasse nos olhos e perguntasse se cometera um erro ao confiar em mim com essa promoção, e foi

quando finalmente eu entendi.

Não importaria se eu te comprasse a Bélgica inteira e reduzisse a economia do país à produção de chocolate para agradar seu paladar. Você não apreciaria tal insanidade, assim como nunca apreciou qualquer tentativa minha de ganhar e manter sua atenção com gestos vazios. Não eram presentes que me garantiria em seu coração o espaço que um dia pertenceu a mim. Era a minha presença. Sempre foi tudo que você quis, sempre foi tudo que pediu de mim. E eu, tolo, cego, achei que tinha tempo de reverter qualquer falta que fizesse. Erro maior não cometi nessa vida.

Com meu chefe de pé na porta, olhando para mim, a testa enrugada em decepção, os lábios repartidos prontos para externar palavras de repreensão, eu saí. Levantei de minha cadeira e, em um pulo, corri até a saída do prédio. A minha

vontade era correr todo o caminho até sua casa, porque sentar no banco de um carro e esperar que o pedaço de metal com rodas cruzasse a cidade em meio ao trânsito de meio-dia era uma espera torturante. Era torturante a ideia de perder mais um segundo sem olhar no fundo de seus olhos amendoados que brilham à simples menção de um filme novo que estreou no cinema, que choram na última página de um livro, que, sonolentos, por muito tempo eram a primeira coisa que via quando acordava de manhã. Era torturante a ideia de não ouvir sua voz, ainda que fosse para gritar em minha direção toda a mágoa que causei, toda a decepção que te trouxe. Era torturante a ideia de não sentir seu cheiro e não renovar sua imagem em minha memória.

Sei que levei tempo demais para chegar. Sei que esperei, estático e inerte, por tempo demais até

que percebesse o tamanho do erro que cometi ao te deixar partir. Não lutei por seu amor por ter me convencido de que estava respeitando sua decisão, mas a verdade é que me acomodei onde estava e repeti para mim mesmo que era melhor para nós dois dessa forma. Que eu não estava te fazendo feliz, então era melhor que você se fosse e corresse atrás da sua felicidade. Demorei tempo demais para perceber que, apesar de dedicar todos os meus esforços nas batalhas nos tribunais, eu fugi, assustado, da maior batalha da minha vida.

Deveria ter lutado por você com cada pedaço do meu coração, deveria ter lutado por nosso amor com tudo que há em mim. Cometi um erro do qual jamais vou me perdoar. E esperei, rezei a todos os deuses que não fosse tarde demais para tentar consertá-lo. Desejei que houvesse uma parte de você que ainda me amasse, um fiapo, uma faísca

em seu coração que ainda queimasse por mim, que ainda me quisesse. E que me permitisse lutar com toda força que há em mim para tê-la de volta.

De pé na porta do seu apartamento quando finalmente cheguei ao seu prédio, no meio do dia sem sequer considerar se você estaria em casa, perdi qualquer palavra por um longo instante quando te vi. Ali, de pé apoiada no batente, seu cabelo bagunçado como sempre era quando não tinha quaisquer planos de sair de casa, a blusa suja de farinha denunciando o bolo que tentava assar, você nunca esteve mais bonita. Deus, como sentira sua falta. Não sei como foi possível sobreviver sem você por tanto tempo. Sobreviver, porque isso foi tudo que fiz por meses a fio. Parei de viver no segundo em que perdi você. E quando vi seus olhos confusos me encararem e ouvi meu nome escapar da sua boca em um sussurro surpreso, desatei a

falar. A desnudar meu coração, despir minha alma, sem amarras, sem receios. Quando me calei, o silêncio se propagou, ecoando em meu peito transbordante por tempo demais. Bile subiu à minha garganta tamanho meu nervosismo e senti-me a ponto de desmaiar.

Patético aos olhos de alguém que não entendesse a profundidade do buraco em meu peito que só você era capaz de tapar. E não fora exatamente isso que fez com que eu não tivesse escolha a não ser me entregar aos seus encantos assim que pousei meus olhos em você oito anos atrás? Nunca precisei fingir, disfarçar, criar uma persona para que me enxergasse, não. Foi por me ver por inteiro e me amar em cada detalhe que você irremediavelmente conquistou meu coração incerto e temeroso. E você sempre me alertou, Marisa. Sempre dissera que minha necessidade de

aprovação daqueles que em nada importavam em minha vida seria minha ruína. E foi. Porque foi a tentativa falha e vã de fazer com que me aceitassem em um grupo que jamais estimei que fez com que a cada dia eu perdesse um pedaço daquilo que fazia seus olhos brilharem ao me verem. E não foi até eu enxergar nada além do vazio escuro como o mais distante ponto do cosmos onde antes habitava o azul celeste de uma noite límpida em um céu de verão que entendi. Entendi que havia me tornado tudo que você menos apreciava. Que havia me perdido. E não consegui encontrar o caminho de volta a tempo de evitar que nós nos perdêssemos também.

— Eu não deixei de te amar nem por um segundo, Leonardo — você disse, parada no batente da porta, os braços cruzados em torno do peito, olhando-me incerta.

E, naquele segundo, meu coração perdeu uma batida. Mesmo que seus olhos não me mostrassem qualquer esperança, suas palavras ditas com a honestidade simples que sempre lhe foi tão característica fez com que se iluminasse um pedaço há muito esquecido dentro de mim.

— Não significa que eu entenda o que você está fazendo aqui, ou que eu vá simplesmente esquecer tudo que eu sofri por sua causa.

Mesmo diante da completa falta de afeto em sua postura, nada consegui fazer além de sorrir. Porque você estava ali. Não foi em meio a gritos que me recebeu, não fechou a porta e se recusou a me atender, não me excluiu de imediato, não me mandou embora. E, naquele ponto, isso era tudo que eu podia esperar.

— Eu sei — respondi, e era verdade. Depositando todo meu coração naquelas palavras, o

choro não derramado arranhando minha garganta, continuei: — Não estou pedindo que você esqueça. Estou implorando por uma chance de te reconquistar. De ao menos tentar.

Você me olhou, incrédula. E como poderia te culpar? Em seu lugar também não acreditaria em meu coração. Mas quando a porta não foi imediatamente fechada, quando vi que trocou de pé o peso de seu corpo, inclinando a cabeça e cerrando os olhos para mim, soube que a recusa que queimava na ponta da sua língua não encontraria sua passagem para o mundo, não naquele momento.

— Eu não sei — respondeu por fim, sussurrando, despedaçando e aquecendo um pouco mais minha alma que lutava com cada fibra para manter-se intacta. Acenei com a cabeça em concordância. — Preciso de um tempo para entender o que você está me pedindo. — Concordei

mais uma vez e, antes que eu tivesse a chance de dizer qualquer coisa, vi a porta, por fim, ser lentamente fechada, selando aquele momento.

Encarei em silêncio a tábua de madeira que me separava de você, sem saber se ficava ou se ia, se gritava ou se chorava, se desabava ao chão e me deixava consumir pela culpa ou se me esforçava para me manter firme, por você, por nós. Pela possibilidade de ainda existir algo que pudesse ser chamado de nós.

— Café. Amanhã, no lugar de sempre. Na hora de sempre. — Ouvi sua voz trêmula atravessar a porta e acertar em cheio meu coração que parecia, finalmente, voltar a bater.

Sorri, um sorriso aliviado, um sorriso que transbordava uma felicidade que há muito não sabia ser capaz de sentir. Um sorriso que refletia a esperança que então passava a me habitar, fincando

raiz nas camadas mais profundas do meu ser.

— Amanhã — disse em resposta, antes de virar-me e partir em direção ao elevador.

Contando os segundos para que o sol despontasse no céu e me trouxesse para mais perto de você.

Capítulo 2

Outono não costuma ser uma estação repleta de cores nesta cidade coberta por altos prédios e pessoas apressadas, que pouco olham ao redor, perdidas, afundadas em suas rotinas massacrantes que consomem cada segundo da sua existência robótica. Mas me parecia mais brilhante o verde das poucas árvores espaçadamente organizadas na lateral da movimentada avenida que encarava, sentado na mesa da confeitaria sempre tão cheia mesmo que àquela hora da manhã.

Em cima do tampo limpo de madeira, uma caneca de fumegante *cappuccino* esperava ansiosamente sua dona. Tomei goles curtos do meu próprio café, conferindo cada segundo, contando os instantes para que o ponteiro virasse a hora inteira e

me entregasse a visão daquela que sempre tão pontualmente aparece onde é esperada.

E, assim que o relógio denunciou o horário redondo, mal demoraram alguns instantes para que sua figura surgisse à minha frente, sentando na cadeira, a bolsa rapidamente pendurada nas costas da cadeira. Seu olhar, contudo, não encontrou o meu, não de imediato. Por anos, toda sexta de manhã, esse pequeno estabelecimento foi nosso refúgio. Algumas horas clandestinas roubadas durante o dia para saciar a falta que fazíamos um para o outro, a tentativa constante de evitar que a rotina massacrante de nossos trabalhos nos consumisse. Funcionou, até que deixou de funcionar. Até que passou a ser fácil demais encontrar justificativas para não deixar o escritório, para voluntariamente me afundar no emprego que virou minha vida inteira.

Quando seu olhar finalmente me alcançou, o medo e incerteza que vi transparecer em suas íris fez com que não houvesse outra opção além de estender minha mão sobre a mesa na tentativa inconsciente de alcançar a sua. Recolhi os dedos quando percebi que não havia qualquer intenção sua de tomá-los para si.

— Como você está? — perguntei, indicando com a cabeça o café que sabia que você ansiava em tomar àquela hora do dia.

— Confusa — respondeu, levando a caneca aos lábios delicadamente pintados com o batom rosado que ornava com sua pele alva que tão bem contrastava com a minha negra. *Coco e chocolate*, você costumava dizer, referindo à sua combinação gastronômica favorita que refletia a combinação de almas que costumávamos ser. — Por que me procurou agora, Leonardo? Depois de todo esse

tempo.

Como poderia começar a explicar o turbilhão que assolava meu peito?

— Sinto sua falta — disse, porque era a única resposta que fazia sentido em meio à confusão emocional que parecia nublar qualquer possibilidade de racionalidade. Contei sobre minha promoção, sobre como pareceu vazia a conquista sem você para celebrar ao meu lado. — Não faz sentido conquistar o mundo se eu não puder explorá-lo com você.

Vi seus lábios tremerem, meu amor. Seus olhos encherem de lágrimas contidas que brilhavam como prismas em seus olhos castanhos, cintilando e refletindo meu próprio desespero.

— Ainda há espaço na sua vida para mim? — perguntei quando silêncio foi toda a resposta que você me concedeu.

— Você não pode aparecer aqui e fingir que nada aconteceu. Muita coisa mudou, Leo.

Concordei com a cabeça, porque sabia ser verdade. Mas sabia também que seria capaz de ultrapassar quaisquer barreiras existentes entre nós, quaisquer obstáculos que se pusessem no caminho de nossa felicidade. A única coisa que precisava era saber se você sentia minha falta, se estava disposta a me conceder a chance de reconquistar sua confiança, seu desejo de me ter presente nos seus dias. A chance de reconquistar o amor que tanto inundou nossa vida pelos anos mais felizes que vivemos, juntos.

— Eu sei — respondi, esforçando-me para não deixar crescer em meu rosto o sorriso que ameaçava despontar.

Você sempre fora uma pessoa decidida, certeira, direta. Fora você, afinal, naquela festa da

faculdade, que veio até mim, quando tudo que fiz foi me limitar a recostar na parede daquele lugar tomado por estudantes embriagados, valendo-se daquele momento, daquelas poucas horas de descontrole autorizado para extravasar as frustrações e pressões da vida adulta que pouco a pouco se instaurava na sua realidade sem que nada pudessem fazer além de aceitar o que estava por vir. Você não hesitou em mudar para o meu apartamento, entrando irremediavelmente em minha vida quando tudo não parecia passar de uma escolha precoce e imatura de dois jovens apaixonados.

Não estavam de todo equivocados aqueles que disseram que nossa decisão fora movida a paixão. Sempre foi impossível negar qualquer coisa que surgisse em meio à sua empolgação capaz de converter às suas vontades o mais cético dos

homens. Você nunca titubeou, sempre certa do que desejava da vida, disposta ao que fosse para alcançar aquilo que almejava. E, por muito tempo, nossa felicidade foi seu maior objetivo. E foi por isso que, quando você decidiu que nada mais restava para ser salvo entre nós, acatei calado. Confiei que sabia o que era melhor para si, como sempre fora.

Não houve um dia em que não senti sua falta. Você sempre soube o quanto eu era bom em mascarar sentimentos, iludir-me com discursos e explicações, sempre os melhores argumentos prontos para serem usados. Nunca venci uma discussão com você, porque não havia um segundo em que você deixaria de me enxergar por debaixo das camadas que o advogado começou a ocupar, subjugando o homem por quem se apaixonou. E nesses dois anos sem ter por perto sua língua afiada

e pronta para apontar sem reservas quando eu falhava, foi fácil encontrar o caminho sem volta para a ilusão. Para um mundo criado para justificar sua ausência, para aceitar o sentimento de abandono que nunca deixou meu peito.

Então precisei segurar o sorriso clandestino que ameaçava encontrar seu caminho por meus lábios desde o segundo em que te vi entrar aqui, no nosso lugar secreto no meio da movimentada cidade capaz de nos engolir. Porque você tinha razão, muita coisa mudara nesse tempo em que minha vida deixou de ser iluminada por seus olhos. Mas você estava ali e não foi uma recusa firme que saíra dos seus lábios. Ainda que árduo fosse o caminho pela frente, não seria impossível cruzá-lo se você estivesse disposta a tentar.

Não existe nada no mundo que você não seja capaz de conquistar, amor.

Soube que não era o fim quando pouco a pouco sua postura fez-se menos austera e vi quando relaxou suas feições depois de alguns minutos de conversa. Vi seus olhos iluminarem-se como as mais brilhantes estrelas do céu quando começou a falar do seu trabalho depois de alguns instantes de insistência. Nunca consegui entender sua fascinação com os astros, mas passei a ser capaz de identificar com facilidade sua constelação favorita. *Órion.*

Da janela do apartamento que aluguei e que nunca chegou a se tornar minha casa, todas as noites estendia os olhos aos céus em busca do caminho que você me ensinou. Era o único momento de paz que tinha durante o dia, a sensação inebriante de saber que eu estava observando o mesmo céu que você, lembrando-me das suas palavras doces sussurrando ao meu ouvido que não

importava onde estivéssemos, sempre estaríamos conectados por aquele fio luminoso que cortava o céu. Que se eu erguesse meu olhar à escuridão traiçoeira da noite, encontraria você, em algum lugar na outra ponta, encarando o momento ponto que eu, dividindo um momento de silêncio em nome da nossa constelação.

Tudo que precisa fazer é procurar pelas Três Marias. Todo mundo sabe onde estão as Três Marias. Ali, está vendo?

Não vi, não a princípio, mas acompanhei com atenção o caminho por onde seu dedo se entendia, tracejando o ar naquela noite estrelada em você me arrastara para o topo daquele prédio abandonado. O advogado que se formava em mim, ainda naquela época, no auge do terceiro ano da faculdade, entrou em desespero irremediável pela pequena transgressão inofensiva.

É ali que começa o cinturão. Vê? As três estrelas brilhantes. E então você sobe, um pouquinho para a direita. Uma linha irregular escondida em meio a outras estrelas. Gosto de pensar que as melhores coisas na vida são assim. Se fosse fácil de enxergar, ou simplesmente a mais vistosa, seria simples demais. É por isso que a maioria das pessoas encontra as Três Marias e se dá por satisfeito. Gosto da satisfação de conseguir ver além. Descobrir o que pode ser quando não desisto de procurar por mais.

E naquele momento, Marisa, tudo que eu internamente implorava era que, mesmo que muito houvesse mudado, sua essência permanecesse intacta. Que você ainda se fascinasse com a possibilidade da descoberta. De recomeços. De encontros e vislumbres do infinito.

Quando saímos do café, uma hora depois,

infinitas ligações perdidas pintavam a tela do meu celular, acompanhadas de mensagens em tom de ameaça clara daquele que se acostumou a me ter disponível e enterrado em suas demandas sem fim, e, ainda assim, o sorriso doce em seus lábios era a única coisa que me importava. Jamais me entregaria ao pensamento hipócrita de dizer que meu trabalho não mais era relevante à minha existência porque você estava ali, na minha frente. Não te convenceria com essa mentira, não te encantaria com essa ilusão. Importava e sempre importará. Mas eu estava e estou disposto a fazer de você a prioridade que nunca deveria ter deixado de existir em minha vida.

Vi seus olhos se arregalarem quando me desculpei e pedi um minuto apenas para retornar as ligações e anunciar minha ausência por toda a manhã. Incredulidade pura em sua expressão foi a

única coisa a ser enxergada naquele instante e perdi o fôlego quando consegui reconhecer o perfeito instante suspenso no ar em que você entendeu, meu amor. Em que entendeu o que eu estava disposto a fazer por você, por nós.

Foi em um silêncio confortável, quebrado por conversas despretensiosas que faziam parecer que tempo nenhum havia passado e distância nenhuma existia entre nós, que dirigi até sua casa. E destruiu meu coração ver como você me encarava, perdida, confusa, quando estacionei na entrada do alto prédio de pintura impecável.

— Estou grávida, Leo.

Você não olhou para mim quando deferiu o que parecia ser minha sentença de morte. Meus olhos caíram para sua barriga escondida pelo vestido azul que recobria seu corpo. Sentimento agridoce maior nunca houve em minha vida. A felicidade por saber

que crescia em você a vida que sempre quis carregar, que viria ao mundo uma extensão sua, não foi esmagada pela dor cortante que assolou meu peito naquele instante, mas chegou perto de acontecer. O ciúme por haver outro homem em sua vida desapareceu tão rápido quanto surgiu e o que restou em mim foram apenas os cacos de um coração que se encheu da certeza de que perdera você para sempre. Que outra pessoa agora era responsável por alegrar seus dias e elevar sua alma.

Estendi a mão para tocar sua barriga, uma lágrima escorrendo por meu rosto sem que eu me importasse em tentar evitá-la.

— Ele te faz feliz? — perguntei, minha voz em um sussurro engasgado enquanto acariciava o tecido fino, sentindo sob minha palma o arredondado discreto que não podia ser visto por um olhar desatento.

Ergui o olhar ao seu novamente quando nada me respondeu, amor. E encontrei seus lindos olhos transbordando em lágrimas quando sua cabeça se moveu discretamente em uma negativa. Meu peito se apertou, em desespero, angústia e raiva. Esperei que continuasse, tentando suprimir o medo de quem quer que fosse o homem em sua vida ter te machucado de alguma forma. E, somente quando você começou a falar, pude respirar novamente.

— Não há ninguém — você me respondeu, passando a língua nos lábios úmidos pelas lágrimas.

— O pai? — Foi com o cenho franzido em confusão que te perguntei e vi sua cabeça recostar no encosto macio do banco em que você estava sentada, dentro do meu carro, depois de tanto tempo.

— Não importa. — Foi sua resposta. — Somos

só nós dois.

Sua mão desceu à sua barriga, em um gesto protetor que não poderia ser diferente de nada que viesse de você. Não pensei antes de mover minha palma e pousá-la sobre a sua, enlaçando meus dedos nos seus.

— Podemos ser nós três.

Seus lindos lábios se abriram em surpresa e deleitei-me da sensação de ver-te sem fala, coisa que nunca aconteceu com frequência. Intensifiquei meu toque sobre seus dedos quando vi sua cabeça se mover em negativa, seus fios soltando-se do penteado alinhado que sempre usava.

— Você não sabe o que está oferecendo, Leo — você disse, mordendo o lábio para calar-se ao fim da frase. — Não sabe o que diz.

Inclinei-me na sua direção, a sensação de

eletricidade percorrendo meu corpo pelo toque quente depois de tanto tempo de ausência. Toquei sua boca com a minha, sentindo a maciez dos seus lábios contra os meus e, pela primeira vez no que pareceu uma eternidade de congelamento e vazio, me senti de novo em casa.

— Eu nunca fui o impulsivo entre nós dois — disse contra sua boca, sem me afastar mais do que o necessário. Não estava pronto para te deixar, nunca mais estaria. — Podemos ser nós três.

— Leo...

— Eu amo você. Nunca deixei de te amar. Demorei tempo demais para entender que é impossível ser feliz sem te ter na minha vida e peço perdão por ter demorado tanto. Peço perdão por não ter vindo atrás de você antes. Tudo que preciso é saber se ainda me ama também.

Você não hesitou, meu amor. Não hesitou por

um segundo antes de mover a cabeça, silenciosamente respondendo com uma afirmação a única pergunta que importava naquele momento.

— Me deixa fazer parte da sua vida de novo — pedi. — Não precisa me aceitar de volta assim, sei que temos um caminho longo pela frente. Só me deixa fazer parte da sua vida de novo. — Apertei seus dedos nos meus mais uma vez, movendo ambas nossas mãos sobre sua barriga. — Me deixa fazer parte da vida de vocês dois.

Foi com um beijo delicado que você me respondeu e ali, entre lágrimas incertas e sussurros abafados, que me fez novamente o homem mais feliz do mundo.

E agora, sentado aqui nessa cadeira desconfortável de hospital, velo seu sono enquanto te escrevo, meu amor. Sua expressão de serenidade exausta após as horas de trabalho para trazer ao

mundo aquela linda menininha que tem suas bochechas redondas é a única coisa que quero ver. Hoje e para sempre.

Quando a segurei em meus braços, todo o resto deixou de importar. Ela é nossa, você sabe. Talvez ainda não esteja pronta para admitir, mas você sabe. E estarei aqui, esperando que chegue o dia em que admita em voz alta que sabe que não vou embora, que sabe que jamais abandonarei vocês duas. Assim como estive ao seu lado a cada dia nos últimos seis meses, aqui estarei pela próxima eternidade. Não deixei seu lado a cada exame, choramos juntos quando o coração forte da nossa menina bateu naquele ultrassom, dividimos o mesmo sorriso quando ela chutou sua barriga pela primeira vez e não te deixei sair do meu colo quando ela continuou, agitada, arrancando-te gemidos de dor a cada vez que se movia, ansiosa

para conhecer o mundo.

Não soltei sua mão nas últimas três horas que nossa pequena levou para vir ao mundo e foi com uma emoção mal contida que levei meus lábios à sua testa quando ouvimos, juntos, o primeiro choro da menina que já sabemos que vai virar do avesso nossa sanidade.

Sabemos que não vai ser fácil nem perfeito, erros vão ser cometidos na tentativa de acertar, e sempre estarei aqui para lutarmos, juntos, contra tudo. Eu te disse, amor. Disse que jamais deixaria de estar ao seu lado e levarei essa promessa para o túmulo.

O que não te disse é o quanto te agradeço por dar-me mais essa chance. O que não te disse é o quanto estou decidido a ser tudo aquilo que você merece, que aprendi com meus erros e que nunca mais vou te fazer sofrer. O que não te disse é que

vou respeitar seu tempo e reconquistar a confiança absoluta que você um dia depositou em mim. O que não te disse é que te prometo minha vida e meu coração, como prometi nos nossos votos de casamento naquela pequena capela em sua cidade natal. E que agora esses votos se estendem ao pedacinho de gente que dorme pacificamente no bercinho ao lado da sua cama. *Estela.* Nossa pequenina estrela que veio para iluminar nossas vidas.

O que não te disse é que todos os dias você me faz o homem mais feliz a respirar o ar deste planeta vil. E que nunca mais vou te dar qualquer motivo para querer sair do meu lado.

Eu te prometo.

Sobre a autora

Victoria Gomes, nascida e criada o Rio de Janeiro, tem vinte e três anos e atualmente mora na Austrália. Bióloga de formação, trabalha como revisora e dedica grande parte dos seus dia à escrita dos seus livros. Começou a escrever em junho de 2017 quando conheceu o Wattpad por meio de uma amiga, e, percorrendo os mais diversos gêneros, conta com um livro de fantasia infanto-juvenil, um drama e um romance adulto completos, além de diversos contos, disponíveis na plataforma, de onde é Embaixadora.

Facebook:
https://www.facebook.com/victoriagomesautora
Instagram:
https://www.instagram.com/victoria.gomesp

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON